



## **OS MEMES DAS REDES SOCIAIS: UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR**

RAPHAEL Alves da Silva<sup>1</sup>

*Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco, raphael.haneke@gmail.com*

### **Resumo**

Este artigo revela a preocupação do pesquisador com as vozes que estão presentes nos memes compartilhados nas redes sociais, procurando promover interseções entre essa inquietação, a transdisciplinaridade e o ambiente escolar. Para isso ele recorre a alguns pressupostos propostos por Nicolescu (2000), Santos (2008), Recuero (2012), entre outros. Espera-se também criar paralelos possíveis com a realidade dos professores e dos alunos, colocando o meme como fio condutor da discussão. Possibilitando, por fim, ao educador, enxergar a riqueza e as inúmeras possibilidades de atuação que eles proporcionam.

**Palavras-chave:** Memes. Escola. Transdisciplinaridade. Discurso.

### **INTRODUÇÃO**

A cada dia que passa a escola percebe que precisa discutir profundamente a relação dos alunos com os novos dispositivos virtuais, que hoje permitem o acesso à informação e a troca de conteúdo, em uma velocidade de grande escala. Os trabalhos acadêmicos produzidos atualmente, tentam compreender essa dinâmica complexa, que permite não só a imersão duradoura e evasiva dos agentes nos cenários tecnológicos, mas que desloca condutas, cria novos processos identitários e altera os espaços de aprendizagem. O modelo de educação formal, que temos disponível hoje, não consegue se perceber como uma ferramenta mediadora das práticas interacionistas que ocorrem na virtualidade, ou seja, parece perdido em uma sucessão de métodos que estão bem distantes da realidade dos alunos e alunas. Autores como Santomé (1998, p. 206), por exemplo, afirmam que “o processo educacional precisa apoiar-se nos interesses dos estudantes, mas também deve gerar novos interesses.”

---

<sup>1</sup> Especialista em Linguística Aplicada e atual estudante do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação, Culturas e Identidades, pela Fundação Joaquim Nabuco em parceria com a UFRPE. E-mail : raphael.haneke@gmail.com



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Basarab Nicolescu (2000, p.150), teórico que trabalha entusiasticamente o conceito de transdisciplinaridade, afirma por exemplo, que “aprender a conhecer significa ser capaz de estabelecer pontes – entre os diversos saberes, entre esses saberes e seus significados para a nossa vida cotidiana, entre esses saberes e significados e nossas capacidades interiores. ” Pensando nisso, é importante que as metodologias pensadas para os encontros em sala de aula, possam construir caminhos para que novas visões de mundo e promover um contato criativo com outras culturas.

As tecnologias permitem que possamos caminhar em terrenos dos mais diversos. Nos inserem em contextos onde o contato com o diferente é uma realidade. Pesquisas no mundo todo mostram que a entrada de novos dispositivos que permitem acessibilidades interacionais, contribui de forma bastante positiva com a dinâmica escolar e ampliam o seu universo. No que diz respeito aos métodos e as estratégias voltadas para melhorar a aprendizagem, esses aparelhos, quando disponíveis, também dinamizam os espaços legítimos de interação e potencializam o uso da criatividade.

Apesar disso, muitos estudos ainda preferem enquadrar o que é dito na internet em teorias ultrapassadas, que muitas vezes acabam, injustamente, deixando em segundo plano os ricos questionamentos sobre os aspectos culturais e sobre o comportamento humano que tanto poderiam nos ajudar. Isso evidencia ainda mais a dificuldade que a escola tem para acompanhar a inserção dessas tecnologias nos contextos sociais, fazendo com que ela se mostre obsoleta e pouco pertencente ao universo fluido e interativo dos jovens.

Quando olhamos para os memes publicados pelos internautas nas redes sociais, percebemos que criar estratégias que intencionalmente permitam com que os alunos se enxerguem como agentes que contaminam, e são contaminados por discursos midiáticos o tempo todo, é um dever. Os memes, gênero que se popularizou nos últimos anos no mundo, podem se manifestar de várias maneiras no ciberespaço. Richard Dawkins, em seu trabalho *O Gene Egoísta*, de 1976, introduziu aos estudos da evolução biológica, a noção de que as características fenotípicas de um gene do ser humano, mesmo se limitando ao seu corpo, pode propagar-se no ambiente. Esse pequeno gene, essa unidade que pode ser ampliada nas suas relações com o mundo exterior, serviu como arcabouço teórico para que ele elaborasse o que se denomina memética, ou seja, o conjunto de estudos realizados sobre os memes. Sobre esse ramo de estudo, que ainda não é considerado ciência por muitos teóricos, encontramos uma grande estudiosa e defensora desse novo ramo de pesquisa: a psicóloga francesa Susan Blackmore. Em seu trabalho, a autora fala sobre o aspecto reprodutivo que também caracteriza e assim define o meme:

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



Quando você imita alguém, algo é passado adiante. Esse ‘algo’ pode então ser passado adiante de novo, e de novo, e assim ganha uma vida própria. Nós podemos chamar essa coisa uma idéia, uma instrução, um comportamento, um pedaço de informação... mas se nós vamos estudá-la nós precisamos dar a ela um nome (BLACKMORE, 2000, p. 06).

Quando pensamos nesse gênero como uma entidade tangível, que se materializa também dentro do computador, passamos a olhar com maior cuidado para os discursos que ele reproduz. O trabalho com memes olha especificamente para a linguagem como uma “prática social” (MENEZES; SILVA; GOMES, 2009, p.1). Sendo assim, o meme pode se manifestar através da reprodução caricaturizada (positiva ou negativa) dos nossos hábitos, crenças, das nossas conexões e reproduções simbólicas, ou seja, eles atuam como uma formatação representativa, que tenta determinar as noções de comportamento a partir de um referencial.

Diante disso, pensamos que propor a inserção dos memes nas práticas educativas, pode significar colocar o educador e os seus alunos em contato com as narrativas concretas e simbólicas que falam dos ambientes sociais e das relações humanas. A partir de um olhar transdisciplinar, pensando transdisciplinaridade aqui, como afirma com Santos (2008, p.76), como aquela que “maximiza a aprendizagem ao trabalhar com imagens e conceitos que mobilizam, conjuntamente, as dimensões mentais, emocionais e corporais, tecendo relações tanto horizontais como verticais do conhecimento”, podemos “criar situações de maior envolvimento dos alunos na concepção de significados para si”, como reforça o mesmo autor.

Este artigo está dividido em duas seções. A primeira traça um paralelo entre os memes, as redes sociais e a escola. O segundo olha de forma mais enfática para os discursos presentes nos memes, mostrando como um trabalho com eles exige um olhar transdisciplinar, sugerindo minimamente alguns caminhos de articulação para a sala de aula.

Por fim, é buscando pensar nas relações entre os significados compartilhados na vida digital e a vida real que esse artigo se justifica. Ele é estruturado para que possamos ver o meme como um objeto significante para o ambiente escolar, promovendo através da análise dos discursos presentes em sua composição, uma chamada importante para aquilo que a



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

transdisciplinaridade tanto defende enquanto proposta de mudança, ou seja, a real ressignificação do olhar que temos sobre o mundo.

## **VIDA EM REDE, A ESCOLA NA ERA DOS MEMES**

A relação do Brasil com as redes sociais vem se tornando um fenômeno estudado de perto por agências e pesquisadores interessados em discutir a relação entre o tempo, as sociedades e a permanência das tecnologias. De fato, o nosso país possui uma relação muito particular com essas plataformas. De acordo com a pesquisa "Futuro Digital em Foco Brasil 2015" (*Digital Future Focus Brazil, 2015*), os brasileiros são os que gastam mais tempo em redes sociais no mundo, superando em mais de 60% a média mundial. São aproximadamente 650 horas por mês, um número bastante alarmante.

A partir disso, o acesso à informação vem sendo, de muitas formas, substituído pela cultura da manchete e da leitura rapidamente digerida. Apesar de populares, uma grande parte da sociedade ainda enxerga essas mudanças, e continua vendo as redes sociais apenas como uma plataforma de relacionamento, esquecendo, como afirma Recuero (2012), que esse ciberespaço, reflete também os significados e os valores da sociedade moderna, ou seja, é uma constituição também nossa, mediada por recursos que precisamos entender e dominar.

Sobre a vida em redes e os seus desdobramentos, Alfredo Manevy (In: SAVAZONI; COHN, 2009, p.35) afirma que essas estruturas "são processos vivos de articulação, processos políticos, sociais, que impactam nosso modo de vida, de construção e de formulação. E que encontra no digital não um suporte, mas um modo de elaboração." Dentro das redes sociais existe um jogo complexo de ideias e de pensamentos. Os usuários transitam em espaços permeados por estruturas simbólicas, passam a pertencer a determinados lócus de convívio e fazem as suas escolhas, certamente, contaminados por inúmeras ideologias. A desigualdade, os preconceitos de gênero, classe, orientação sexual e de raça, presentes no mundo real, se manifestam nas redes sociais, com bastante recorrência e intensidade. É sobre essas manifestações, que precisamos pensar e atuar de forma combativa, como educadores.

Falar dos gêneros que circulam nas redes sociais, como o meme, é falar do espaço em que eles estão inseridos. Como percebemos, a importância desse gênero não está apenas no plano das ideias ou dos elementos por ele incorporado. É possível que qualquer indivíduo, ao criar um meme, promova nos outros usuários das redes



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

sociais, a sensação de que uma voz superior, media e estabelece a sua relação com as questões que fazem parte da construção histórica, pessoal, profissional, sexual e política da sociedade. Pensando assim, os memes passam a ser vistos como produções que alimentam e se retroalimentam de significados daquilo que está posto na sociedade, eles promovem, através de colagens muito rápidas, um jogo de ideias que pode ser bastante rico, quando bem utilizado nos espaços de aprendizagem.

A escola, por sua vez, não pode se manter distante desse cenário. Ela deve e pode mediar a relação dos seus alunos com esse novo conjunto repleto de informações e identidades entrelaçadas, onde realidade e abstração se confundem. Estudar as redes sociais significa procurar diagnosticar, primeiramente, os seus aspectos socioculturais, o real papel que elas ocupam no imaginário coletivo, avaliando que tipos de discursos estão sendo disseminados e de que forma podemos garantir, como agentes mediadores, uma ação mais concreta e acessível.

## **TRANSDISCIPLINARIDADE E MEMES, UM OLHAR POSSÍVEL**

Já deixamos claro que é importante que o aluno perceba que a escola passa por um processo de adaptação constante e que as redes sociais, mais do que uma ferramenta de busca ou uma plataforma de encontros, são máquinas ideológicas; que ao serem manipuladas apenas por agentes de classes dominantes, acabam estabelecendo e perpetuando jogos de poderes bastante excludentes. Os memes, por exemplo, são instrumentos reais, um gênero que reflete esse espaço de disputa e que pode nos dizer muito sobre a sociedade que estamos construindo.

No ensino hoje, educação e prática tentam se mostrar como indissociáveis. Contudo, a relação entre elas não é simétrica, pelo contrário, se mostra muitas vezes contraditória e acaba sendo tratada pelos professores como uma fantasia, pouco pertencente a realidade. Apesar do modelo puramente tecnicista e disciplinar reproduzido pelas escolas, centrado na especialização e no recorte, o cotidiano dos alunos se mostra cada vez mais complexo e dinâmico.

Quando o educador (a), decide trazer memes para a sala de aula, ele está ao mesmo tempo, buscando pensar sobre o mundo, sobre a realidade e introduzindo uma variável bastante inovadora, que se ancora na perspectiva de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

interligar vozes, contextualizar e mostrar, acima de tudo, a complexidade que mora em nós. Morin (2010, p.21), afirma que o conhecimento “torna-se pertinente quando é capaz de situar toda a informação em seu contexto e, se possível, no conjunto global que se insere. Pode-se dizer ainda que o conhecimento progride, principalmente, não por sofisticação, formalização e abstração, mas pela capacidade de conceitualizar e globalizar”

Essa visão holística da sociedade pode enriquecer bastante a atuação do professor. Quando ele explora o complexo, todos crescem. Por exemplo, a diversidade com que as pessoas passaram a expor a sua subjetivação nas redes sociais, ainda assusta uma grande parte da sociedade. A escola, legitimada pela sociedade como o espaço que permite a troca de conhecimento, precisa ser chamada para discutir temas como o preconceito de classe, gênero, orientação sexual e raça, revendo assim algumas de suas certezas e buscando criar novas estratégias para lidar com os conflitos dessa atualidade dispersa.

Como já foi dito, os memes, na atualidade, representam um artefato discursivo bastante complexo. Sua composição, apesar de percebida e estudada por linguistas, ainda se constitui um desafio para os analistas do discurso. Isso ocorre principalmente porque situá-lo no tempo e no espaço, demanda do pesquisador um olhar crítico/permanente e muita disposição para acompanhar o que vem sendo discutido e compartilhado pelos usuários das redes sociais. Como eles são construídos a partir de sobreposição de signos, que nem sempre estão hierarquizados, é função do analista conseguir captar cada um deles e fazer as suas devidas relações.

Claro que estamos pensando aqui, em uma escola que permita com que os professores possam se desvencilhar da lógica disciplinar, que eles tenham caminhos que permitam uma imersão na realidade, que possam falar sobre aquilo que vivenciam em casa, na escola e nas redes sociais. Quando olhamos para o meme 1 (fig.1), temos um exemplo claro, onde é possível entender como esse jogo de sentidos se constrói, percebendo claramente a materialização do preconceito se manifestando de forma bastante complexa e exigindo um olhar que vai além do conteúdo presente nos materiais didáticos.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## COMO AFASTAR A TORCIDA DO NÁUTICO DAS ARQUIBANCADAS



(fig.1, retirada do grupo do Facebook “Resenhas do Futebol Pernambucano” em maio de 2016)

Para captar a real intencionalidade do criador desse meme e do público que ele pretendia atingir, é preciso compreender em que contexto ele está inserido, nesse caso:

- 1) Conhecer o time de futebol citado e quais os discursos que foram construídos em torno dele. Por se tratar de um time que nasceu em um bairro branco, burguês e elitizado, o time carrega até hoje essa imagem no imaginário popular.
- 2) Ter ciência de que os seus torcedores, apesar de diversos, no que diz respeito às questões de classe, ainda são, em grande maioria, pertencentes à classe média alta.
- 3) Compreender que, com o passar do tempo, as torcidas de outros times, influenciando e influenciados pelos veículos de comunicação, passaram a associar o Náutico à ideia de fragilidade e que não demorou para que essa ideia fosse intrinsecamente vinculada à imagem da mulher.

Como podemos perceber, o meme tem uma lógica composicional própria; para conseguir identificar, por exemplo, o discurso homofóbico nele contido, é preciso ter esse mínimo conhecimento sobre a história do time de futebol e realizar paralelamente uma leitura profunda sobre a imagem objetificada e machista da mulher. É um percurso essencialmente transdisciplinar, ainda pouco praticado e distante da realidade de muitos educadores. Isso nos



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

mostra que precisamos enxergar cada vez mais a escola como “produtora de células sociais” Gallo (2009, p. 45), que modifica os indivíduos e cria nossas possibilidades de subjetivação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pensado nos pressupostos defendidos por Nicolescu (2002), é perceptível que um trabalho com memes pode minimizar o regime unidimensional tão presente na escola, potencializando um olhar crítico para os diferentes níveis de realidade. A partir do debate teórico proposto, percebemos que trazer as discussões sobre o que é vivenciado nos ambientes virtuais para a sala de aula é uma necessidade.

É muito possível que, no futuro, as redes sociais se configurem ainda mais como um espaço de múltiplas vivências, que continuará alterando e criando novas categorias identitárias. A escola precisa, antes de enxergá-las como concorrentes, pensar em estratégias que permitam um diálogo construtivo e permanente. Existe muito a ser estudado, muito a ser percebido e muito a ser colocado dentro das salas de aula. A vida em rede tem uma dinâmica própria, cria suas próprias regras e permite que os usuários exponham percepções de mundo que jamais seriam reveladas no mundo real.

Dentro desse contexto cultural bastante amplo, que altera a linguagem, criando novas metáforas e significados, os memes, por sua vez, mostram que, por serem uma produção cultural da atualidade bastante complexa e rica em discursos, são capazes de criar camadas discursivas que estão intrinsicamente ligadas ao que os estudantes estão pensando e ao que está midiaticamente e socialmente posto. Trabalhar a adesão e o refutamento de certos discursos, é criar novas pontes também entre os saberes. Em resumo, defendemos que “a transdisciplinaridade é transcultural na sua essência” (D’AMBROSIO, 1997, p.80) e que ampliar a sua permanência no cotidiano dos professores e alunos, significa, dentro dessa sociedade tecnológica, ir além das redes, significa conectar e separar ao mesmo tempo, criar, como afirma Morin (2010, p.64), “uma viagem que se efetiva num oceano de incertezas salpicado de arquipélagos de certezas”.



## REFERÊNCIAS

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2000.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.

DAWKINS, R. **O Gene Egoísta**. 9º reimpressão, Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2001.

GALLO, Sílvio. **Subjetividade, ideologia e educação**. Campinas-SP Alínea, 2009.

MENEZES, Vera Lúcia Oliveira e Paiva de; SILVA, Marina Morena dos Santos e; GOMES, Iran Felipe Alvarenga. **Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos**. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 13.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2010.

NICOLEDESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Trad. Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Trion, 1999.

\_\_\_\_\_. **“Contracapa”**. In: *Educação e transdisciplinaridade II*. São Paulo: TRIOM, 2002.

PORTAL COMSCORE. Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Imprensa-e-eventos/Apresentacoes-e-documentos/2015/Futuro-Digital-Global-em-Foco-2015>. Acesso em 7 de junho de 2016.

RECUERO, R. **O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social**. *Contemporânea - Revista de comunicação e cultura*, 2012.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOS, A. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido**. *Revista Brasileira de Educação*, v.13, n.37, 2008.

SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sérgio (orgs). **Cultura Digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue Editorial Ltda, 2009.